

RUBEM AZEVEDO LIMA

Eleição Presidencial

A invenção da realidade

22 FEV 1998

CORREIO BRAZILIENSE

Articulada com a cúpula do governo, a maioria dos dissidentes do PMDB, favorável à recandidatura do presidente Fernando Henrique Cardoso nas eleições de outubro, tornou-se, hoje, simples massa de manobra de um engodo político, em fase final de montagem no Brasil.

Esses peemedebistas — em geral ministros, governadores, líderes e próceres do partido — defendem a tese do apoio à reeleição de FHC, com base em previsões de pesquisas eleitorais que consideram imutáveis, até o dia das eleições, 4 de outubro, e indicam, no momento, a preferência entre 35% e 38% do eleitorado pela candidatura do atual presidente.

Ainda que persista a principal razão da simpatia dos eleitores pelo nome de FHC — a relativa estabilidade monetária —, à medida que as pesquisas se aproximem do pleito, o eleitorado tende também a acusar os efeitos negativos do Plano Real e dos reajustes nele feitos pelo governo. Quais seriam esses efeitos? O aumento do desemprego, a eliminação de direitos dos

trabalhadores, o corte de benefícios dos aposentados, a concessão de favores aos grandes fazendeiros, a política de juros altos, a elevação da inadimplência dos assalariados, a falta de qualidade na assistência hospitalar e no ensino públicos etc.

Portanto, feitas as contas, a candidatura FHC teria chegado ao máximo de suas possibilidades e, agora, tende a estabilizar-se em cotas mais baixas de preferência eleitoral. Assim, o governo estaria fazendo o possível e o impossível (inclua-se, na segunda hipótese, o uso de lances política e moralmente condenáveis) para impedir a candidatura própria do PMDB à sucessão presidencial. Esse candidato enfeitado pelos peemedebistas do governo, seja quem for — hoje, o mais provável, aparentemente, é o ex-presidente Itamar Franco —, tem, contudo, entre todos os outros, as maiores possibilidades de deslanche eleitoral, a partir do instante em que seu nome seja homologado na convenção partidária.

Os estrategistas do governo acham que o apoio do PMDB à reeleição de FHC pode garantir-lhe a

vitória, no primeiro turno do pleito. Não há mais qualquer chance de que isso ocorra e o raciocínio governista parte de uma avaliação errônea: a de que os peemedebistas, castrados pelo governo quanto à idéia do candidato próprio, votem no castrador da candidatura que lhes daria o poder. O argumento dos adesistas do PMDB, contra o candidato partidário — a de que qualquer nome do partido teria desempenho eleitoral tão pífio quanto o de Ulysses Guimarães, em 1989, e de Orestes Quércia, em 1994 —, não tem consistência lógica. Eles ignoram, entre novos fatores relevantes, a própria força da luta das bases do partido, em prol da construção da candidatura própria. O PMDB governista quer salvar apenas a fração de poder que lhe dá FHC. Já o governo, sua luta desesperada visa a destruir a candidatura capaz de derrotá-lo, pois sabe disso tanto quanto este repórter ficou sabendo, agora, pela leitura de estudos idôneos e de análises técnicas sobre pesquisas político-eleitorais, existentes em áreas reservadas de Brasília.